

Família cristã: vocação ao amor e missão no mundo de hoje - A família é a primeira escola dos valores humanos

Conferência para o IV Congresso Regional Nordeste 2 da Pastoral Familiar

Quero, inicialmente, agradecer, de coração, o convite para participar da abertura deste IV Congresso do Regional Nordeste 2 da Pastoral Familiar. É uma alegria acolher, aqui em Natal, casais, famílias, agentes da Pastoral Familiar, bispos, presbíteros, diáconos, religiosos e religiosas, leigos e leigas, vindos das diversas dioceses do nosso Regional e comprometidos com a evangelização das famílias. A todos, minha fraterna acolhida: sejam muito bem-vindos a Arquidiocese de Natal!

Realizado, no contexto das celebrações dos 45 anos da Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, de São João Paulo II, e dos 10 anos da *Amoris Laetitia*, do Papa Francisco, esse Congresso nos convida não apenas a recordar esses documentos, mas a fazer memória, discernir o caminho percorrido e perguntar o que esses ensinamentos produziram na vida de nossas comunidades, o que ainda permanece apenas no papel e quais novos passos somos chamados a dar no cuidado e na evangelização das famílias.

Temos como tema desta reflexão: **“Família cristã: vocação ao amor e missão no mundo de hoje” — “A família é a primeira escola dos valores humanos”** (*Amoris Laetitia*, 274).

Esse tema nos coloca diante de uma realidade ampla e desafiadora. Portanto, de antemão, gostaria de começar reconhecendo os limites de minha reflexão. Falar de família é entrar numa realidade extremamente complexa, que pode ser estudada a partir de muitos ângulos. A antropologia, a sociologia, a psicologia, a pedagogia, a medicina, a economia, o direito, a teologia e demais disciplinas das ciências humanas e sociais. Não tenho, evidentemente, competência nem pretensão de tratar todas essas dimensões.

Por isso, quero me colocar, sobretudo, numa **perspectiva pastoral**. Quero olhar para a família com os olhos de um pastor que, no exercício de seu ministério, encontra diariamente famílias concretas: famílias felizes e famílias feridas; casais que celebram décadas de vida matrimonial e casais que atravessam crises; pessoas que viveram o fracasso do sacramento do matrimônio e hoje se encontram em novas uniões; pais preocupados com seus filhos; mães sobrecarregadas; avós que se tornam novamente educadores; jovens que desejam constituir uma família, mas têm medo do futuro; famílias que vivem serenamente sua fé e outras que atravessam profundas crises; pessoas que carregam as feridas de suas histórias familiares e outras que encontram precisamente na família a força para enfrentar as dificuldades da vida. É desse lugar pastoral que desejo falar.

Também gostaria de concentrar nossa reflexão especialmente na segunda parte do tema: “A família é a primeira escola dos valores humanos” (*Amoris Laetitia*, 274). Esta não é apenas uma bela frase. Ela já contém uma verdadeira proposta educativa e evangelizadora que nos leva a ressaltar uma convicção fundamental: a família continua sendo uma boa notícia.

1. A família continua sendo uma boa notícia

Sabemos que existem famílias feridas. Existem separações dolorosas, violência doméstica, abandono, conflitos entre gerações, dificuldades econômicas, dependências e solidão. Não precisamos romantizar a realidade. A própria *Amoris Laetitia* nos ensina a olhar para as famílias concretas, com suas luzes e sombras, sem substituir a realidade por modelos abstratos.

Mas reconhecer as dificuldades não significa perder de vista a beleza e o valor da família. São João Paulo II, na *Familiaris Consortio*, faz uma afirmação que, depois de 45 anos, conserva sua extraordinária atualidade: “O futuro da humanidade passa pela família” (*Familiaris Consortio*, 86).

O Papa Francisco retoma essa mesma convicção ao afirmar que “o bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja” (AL 31). E o Papa Leão XIV, na recente *Magnifica Humanitas*, apresenta a família como “**bem social primário**”, o primeiro ambiente no qual a pessoa desenvolve suas potencialidades, toma consciência de sua dignidade e aprende as primeiras formas da verdade e do bem (MH 165).

Portanto, quando falamos de família, não estamos tratando apenas de uma questão restrita ao próprio ambiente familiar. A qualidade das relações familiares repercute na escola, no trabalho, na economia, na política, na Igreja, na saúde, na segurança pública e em toda a vida social.

Entre família e sociedade há uma relação de mão dupla: a sociedade entra na família, com seus valores, mudanças e contradições; mas a família também sai de casa e entra na sociedade, levando consigo as pessoas que formou e os valores que lhes transmitiu.

2. A família: vocação ao amor

Para a fé cristã, porém, precisamos dar um passo adiante. A família não é simplesmente uma construção social ou um arranjo destinado a responder às necessidades práticas da existência. Ela nasce de uma vocação profundamente humana e, para nós cristãos, iluminada pelo próprio desígnio de Deus: a vocação ao amor.

A *Familiaris Consortio* apresenta a família como comunidade de vida e de amor e recorda que sua identidade mais profunda está ligada à missão de guardar, revelar e comunicar o amor. Antes de ser uma tarefa a cumprir, portanto, a família é uma vocação a viver.

O Papa Francisco retoma essa tradição na *Amoris Laetitia*, acrescentando uma perspectiva pastoral particularmente importante: a beleza do ideal cristão da família não deve nos impedir de enxergar a realidade concreta das famílias. Entre o ideal que anunciamos e a realidade que encontramos existe, muitas vezes, uma distância. Essa distância não se supera pela condenação, mas precisa ser percorrida com proximidade, educação, acompanhamento, misericórdia e discernimento.

Isso é particularmente importante para a Pastoral Familiar.

A Igreja não existe apenas para apresentar às famílias aquilo que elas deveriam ser. Existe também para caminhar com elas naquilo que elas são, ajudando-as a se tornarem aquilo que Deus as chama a ser.

Por isso, apesar de todas as dificuldades, precisamos reafirmar que a família continua sendo uma das experiências humanas mais preciosas. É nela que, para a grande maioria das pessoas, acontecem as experiências fundamentais da existência: nascer, receber um nome, ser acolhido, aprender a falar, descobrir o outro, experimentar o afeto, celebrar conquistas, enfrentar a doença, atravessar perdas, envelhecer e preparar-se para a morte.

É na família que fazemos uma descoberta decisiva para toda a existência: descobrimos que não somos indivíduos isolados. É no ambiente familiar que aprendemos, pela primeira vez, o significado da palavra “nós”.

3. A primeira escola começa antes da escola

É justamente aqui que gostaria de aprofundar nossa reflexão: **a família é a primeira escola dos valores humanos.**

Muito antes de uma criança entrar na escola, sua formação já começou em casa. Quando chega à sala de aula, traz consigo uma história de relações, afetos, hábitos, palavras, limites e exemplos que já começaram a formar sua maneira de perceber a si mesma, os outros e o mundo.

Ela já aprendeu — ou começou a aprender — que existem outras pessoas além dela; que nem tudo o que deseja pode ser obtido imediatamente; que é preciso esperar sua vez; que algumas coisas podem ser feitas e outras não. Aprendeu palavras simples como “por favor”, “obrigado” e “desculpe”. Começou a perceber que suas atitudes têm consequências, que o outro pode ser ferido e que a convivência exige respeito, cuidado e responsabilidade.

Pode parecer pouco. Na verdade, tudo isso é imenso, porque essas aprendizagens cotidianas constituem os primeiros alicerces da vida moral. Antes das grandes escolhas da vida adulta, existe uma longa formação feita de relações, experiências, pequenos gestos e hábitos que, pouco a pouco, ajudam a formar o caráter.

Há, porém, um aspecto importante. Quando dizemos que a família é uma escola, poderíamos imaginar os pais como professores e os filhos simplesmente como alunos. A realidade familiar é mais rica: na família, todos ensinam e todos aprendem.

Os pais educam os filhos, mas também são educados pela experiência da maternidade e da paternidade. A chegada de uma criança os convida a sair de si mesmos, reorganizar o tempo, rever prioridades, desenvolver a paciência e descobrir novas formas de amar. Os idosos, por sua vez, também educam. Numa cultura marcada pela novidade, pela velocidade e pela produtividade, os avós podem transmitir a memória, a experiência, a gratuidade, a perseverança e uma relação diferente com o tempo.

O documento *A ecologia integral na vida da família* destaca justamente a importância dessa partilha intergeracional, na qual conhecimentos, experiências e tradições são transmitidos de uma geração a outra.

Mas transmitir não significa simplesmente repetir o passado nem impor à geração seguinte tudo aquilo que recebemos. A verdadeira transmissão precisa ser acompanhada de diálogo. Trata-se de entregar aos filhos aquilo que reconhecemos como precioso, ajudando-os a compreender seu significado e

preparando-os para que, progressivamente, possam assumi-lo de maneira livre e responsável.

Isso vale de modo especial para a fé. Não basta dizer aos filhos: “Você precisa ir à Missa porque sempre fomos católicos”. É preciso ir à missa dominical e ajudá-los a descobrir por que cremos, quem é Jesus Cristo para nós, por que rezamos e de que maneira o Evangelho ilumina e dá sentido à nossa existência. Uma fé transmitida apenas como obrigação corre o risco de desaparecer quando termina a autoridade dos pais; uma fé testemunhada como experiência de amor, esperança, pertença e sentido tem maiores possibilidades de criar raízes profundas.

E aqui chegamos a um princípio decisivo: a família educa, sobretudo, pela convivência e pelo exemplo.

Uma criança não aprende o respeito porque recebeu uma bela definição de respeito. Aprende quando vê os adultos tratando uns aos outros com dignidade; quando percebe como se relacionam com os idosos, os trabalhadores, os vizinhos, os pobres e com aqueles que pensam de maneira diferente.

Aprende a verdade quando encontra coerência entre palavras e atitudes. Aprende a solidariedade quando vê alguém repartir. Aprende a gratidão quando percebe que os dons recebidos são reconhecidos. Aprende o perdão quando presencia alguém dizer sinceramente: “Eu errei. Perdoe-me”. Aprende o cuidado quando vê alguém interromper seus próprios interesses para atender a quem necessita. E aprende a fé quando percebe que Deus não é procurado somente nos momentos de dificuldade, mas faz parte naturalmente da vida da família: na oração, na gratidão, na celebração do domingo, nas decisões e, sobretudo, no modo de amar e tratar as pessoas.

Por isso, educar é muito mais do que dar lições ou fazer discursos: é testemunhar um modo de viver. Os filhos podem esquecer muitos dos conselhos recebidos dos pais, mas dificilmente esquecerão a maneira como os viram viver.

Na educação familiar, o exemplo não é apenas um recurso pedagógico; é a primeira e mais poderosa linguagem.

4. Uma escola sem férias e sem diploma

A família é uma escola muito particular. Não possui salas de aula, provas ou diplomas e, no entanto, nela se aprendem algumas das lições mais importantes da existência. Se, como afirma a *Amoris Laetitia*, “a família é a primeira escola dos valores humanos, onde se aprende o bom uso da liberdade” (AL 274), é porque nela a pessoa começa a descobrir não apenas como conviver, mas também como situar-se diante de si mesma, dos outros e do mundo.

Entre as primeiras experiências proporcionadas pela vida familiar está a **gratuidade**. Em grande parte de nossas relações sociais existe alguma forma de troca: trabalhamos e recebemos salário; compramos e pagamos; prestamos um serviço e recebemos alguma compensação. Na família, porém, fazemos uma experiência diferente e fundamental: somos acolhidos antes de poder oferecer qualquer coisa em troca.

Pensemos numa criança recém-nascida. Ela não produz, não trabalha, não pode recompensar as noites sem dormir, o alimento, o banho, o colo, a preocupação e o carinho que recebe. Ela simplesmente se deixa cuidar. Sua existência é suficiente para mobilizar o amor daqueles que a acolhem.

Essa experiência é decisiva para a formação da pessoa. Antes de descobrir aquilo que pode fazer, produzir ou conquistar, todo ser humano precisa experimentar que possui valor simplesmente porque existe. Aqui encontramos uma das raízes mais profundas da dignidade humana: a pessoa vale pelo que é, e não por aquilo que produz, possui ou pode oferecer em troca.

Mas a educação familiar não termina no receber. Progressivamente, aquele que foi cuidado aprende também a cuidar. A gratuidade recebida é chamada a transformar-se em responsabilidade. A criança vai descobrindo que não é o centro do mundo nem apenas destinatária da atenção dos outros. Também ela pode colaborar, servir, renunciar, repartir e assumir responsabilidades proporcionais à sua idade.

É uma passagem decisiva no amadurecimento humano: passar do “tudo é para mim” ao “eu também sou responsável pelos outros”.

É nesse movimento entre receber e oferecer, ser cuidado e aprender a cuidar, que se formam a reciprocidade, a solidariedade e o espírito de serviço. E essa aprendizagem possui consequências que ultrapassam os limites da própria casa.

São João Paulo II recordava, na *Familiaris Consortio*, que os pais são os primeiros e principais educadores dos filhos e que a família constitui “a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade” (FC 36). A expressão é muito significativa: virtudes sociais. Aquilo que se aprende no ambiente familiar prepara a pessoa para viver na sociedade.

O recente documento *A ecologia integral na vida da família*, publicado pelos Dicastérios para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral e para os Leigos, a Família e a Vida, desenvolve essa mesma perspectiva ao afirmar que “os valores que se formam e crescem no seio da família constituem o solo fértil que nutre a vida da sociedade”. No ambiente familiar exercitam-se o dom de si, a paciência, a dedicação, o acolhimento e a proteção da vida; ali se cultivam também a reciprocidade, a partilha entre as gerações, a solidariedade e a transmissão de conhecimentos e tradições.

Percebemos, então, que educar uma criança nunca é uma tarefa exclusivamente privada. Dentro de casa estão sendo formados o futuro cidadão, o futuro profissional, o futuro esposo ou esposa, o futuro pai ou mãe, aquele que amanhã assumirá responsabilidades na sociedade e na comunidade eclesial.

Por isso, quando uma família ensina seus membros a passar do receber ao oferecer, do possuir ao partilhar, do individualismo à responsabilidade pelo outro, ela não está apenas cuidando bem dos seus. Está formando pessoas capazes de construir o bem comum.

E aqui compreendemos melhor por que a família é tão decisiva para o futuro da sociedade: é dentro de casa que começamos a aprender que a vida não se constrói apenas com direitos que reivindicamos, mas também com

responsabilidades que assumimos e com o cuidado que oferecemos uns aos outros.

5. Educar é ensinar o bom uso da liberdade

Há um detalhe importante na afirmação da *Amoris Laetitia*. O Papa Francisco não diz apenas que a família é a primeira escola dos valores humanos, mas acrescenta que é nela “onde se aprende o bom uso da liberdade” (AL 274).

Talvez esteja aqui uma das questões educativas mais delicadas de nosso tempo: como formar pessoas verdadeiramente livres?

Durante muito tempo, alguns modelos educativos foram excessivamente autoritários. A obediência era exigida simplesmente porque o adulto mandava, nem sempre havendo espaço suficiente para o diálogo, para a escuta e para a consideração da personalidade da criança. Felizmente, avançamos na compreensão da dignidade da criança e do adolescente e na valorização de sua participação no processo educativo. Entretanto, podemos cair no extremo contrário: confundir educação para a liberdade com ausência de limites.

A liberdade não consiste em fazer tudo aquilo que se deseja. Ser livre é aprender, progressivamente, a discernir o que é bom e escolher responsabilmente, inclusive quando isso exige renúncia. Por isso, educar para a liberdade significa ajudar a criança e o adolescente a passar do simples “eu quero” para perguntas mais maduras: “Isso me faz bem? Faz bem aos outros? É correto? Sou responsável pelas consequências daquilo que escolho?”

Nesse processo, o limite possui uma função educativa indispensável. Ele introduz a criança na realidade, mostrando-lhe que nem todo desejo precisa ser satisfeito e que nossas escolhas encontram a existência, os direitos e as necessidades dos outros.

Aprender a esperar, cumprir horários e compromissos, terminar aquilo que começou, aceitar consequências e renunciar a uma satisfação imediata em vista de um bem maior são experiências que contribuem para o amadurecimento da liberdade.

A *Amoris Laetitia* insiste que a formação moral não acontece de uma vez. Ela exige um processo gradual, feito de pequenos passos, proporcionais à idade e às possibilidades de cada pessoa. Não se trata de controlar a liberdade, mas de educá-la, fortalecê-la e ajudá-la a amadurecer.

Isso nos leva a distinguir autoridade de autoritarismo. O autoritarismo impõe porque possui poder; a verdadeira autoridade orienta porque ama e assume a responsabilidade de educar. Por isso, uma criança não precisa de pais autoritários, mas precisa de adultos que assumam serenamente sua condição de adultos: que saibam escutar e dialogar, mas também orientar, corrigir e sustentar as decisões necessárias.

Muitos pais experimentam hoje dificuldade nesse campo. Alguns temem reproduzir a educação excessivamente rígida que receberam; outros carregam certa culpa pelo pouco tempo disponível para os filhos; outros receiam que uma proibição ou correção possa comprometer a relação afetiva. São situações compreensíveis, que não devem ser julgadas com facilidade. Mas é importante

recordar que dizer “não”, quando necessário, é uma forma de dizer “eu amo você e sou responsável por você”.

E tudo isso exige tempo. É mais rápido fazer pela criança do que ensiná-la a fazer; mais fácil ceder do que sustentar serenamente uma decisão; mais simples resolver imediatamente um problema do que acompanhar alguém para que aprenda a enfrentá-lo.

Por isso, educar requer uma virtude particularmente necessária numa sociedade marcada pela pressa e pela satisfação imediata: a paciência. Educar é aceitar que o amadurecimento humano possui seu próprio ritmo, que haverá avanços e recuos, acertos e erros, e que ninguém aprende a usar bem a liberdade de um dia para o outro.

No fundo, o objetivo da autoridade dos pais não é conservar indefinidamente os filhos sob sua tutela. É justamente o contrário: educá-los de tal maneira que, pouco a pouco, sejam capazes de fazer o bem não apenas porque alguém mandou, mas porque aprenderam a reconhecê-lo, escolhê-lo e assumir responsavelmente as consequências de suas escolhas.

É esse o verdadeiro horizonte da educação: formar pessoas livres, responsáveis e capazes de orientar sua liberdade para o bem.

6. Uma criança sozinha na rua digital

Chegamos, então, a uma das questões mais urgentes de nosso tempo: o ambiente digital.

É comum vermos crianças muito pequenas com um celular nas mãos. Às vezes, quase antes de aprenderem a falar, já aprenderam a deslizar o dedo sobre uma tela. Compreendemos a situação: a criança está inquieta, exige atenção, os pais estão cansados e precisam realizar outras tarefas. O celular entretém, distrai e produz alguns momentos de silêncio. A tela acaba transformando-se numa espécie de “babá eletrônica”.

Mas precisamos perguntar: qual é o preço desse silêncio?

Gosto de utilizar uma imagem: entregar um celular conectado à internet a uma criança sem acompanhamento é semelhante a deixá-la sozinha numa imensa rua. Nessa rua existem coisas maravilhosas: bibliotecas, museus, aulas, música, comunicação e inúmeras oportunidades de aprendizagem. A tecnologia é uma conquista extraordinária e não devemos demonizá-la.

Mas, nessa mesma rua, também existem violência, pornografia, discursos de ódio, publicidade agressiva, jogos e conteúdos capazes de gerar dependência, pessoas mal-intencionadas, modelos irreais de beleza e felicidade, cyberbullying e mecanismos sofisticados desenvolvidos justamente para capturar e reter nossa atenção.

Uma criança ainda não possui maturidade nem discernimento suficientes para caminhar sozinha por essa rua. E aqui está uma das grandes novidades do nosso tempo: a rua entrou dentro de casa por meio de uma pequena tela. Por isso, o problema não está na tecnologia em si, mas em colocá-la nas mãos de uma criança antes de educá-la e acompanhá-la para utilizá-la com liberdade, responsabilidade e discernimento.

A Amoris Laetitia, escrita há dez anos, já advertia que os meios de comunicação podem enfraquecer valores recebidos na família e dizia que, numa época marcada pela “pressa tecnológica”, cabe às famílias ajudar os filhos a desenvolver capacidade crítica (AL 274-275).

Hoje a questão tornou-se ainda mais urgente.

Na *Magnifica Humanitas*, o Papa Leão XIV adverte que a posse prematura de um celular pessoal e seu uso sem controle dos adultos podem aumentar vulnerabilidades e favorecer dependências. E fala explicitamente da necessidade de uma “educação para a sobriedade digital” e da proteção dos menores.

A questão, portanto, não é simplesmente: quanto tempo meu filho passa diante da tela? Precisamos perguntar também: O que ele vê? Quem fala com ele? Quem está formando seus desejos? Que modelo de felicidade está recebendo? Que imagem do corpo, da sexualidade, do sucesso, do dinheiro e das relações humanas está sendo construída dentro dele?

Antigamente, uma das preocupações dos pais era saber com quem o filho estava na rua: “Com quem você está saindo?”. Hoje, mesmo estando fisicamente dentro de casa, uma criança ou um adolescente pode estar percorrendo espaços e estabelecendo relações que seus pais desconhecem completamente. Por isso, à antiga pergunta precisamos acrescentar outra: “Quem você está deixando entrar em casa?”. Porque, através de uma pequena tela, muitas pessoas, ideias, comportamentos e influências entram diariamente em nossos lares, muitas vezes sem que percebamos.

7. Recuperar a presença educativa e o valor das pequenas coisas

O problema central talvez não seja apenas o excesso de tecnologia, mas também a diminuição da presença. E presença não significa simplesmente estar fisicamente no mesmo ambiente. Uma família inteira pode estar sentada à mesma mesa e, ao mesmo tempo, cada pessoa habitar um mundo diferente através de sua própria tela.

Por isso, precisamos recuperar experiências elementares da vida familiar: conversar à mesa, perguntar como foi o dia e escutar a resposta, brincar, cozinhar juntos, visitar os avós, realizar tarefas domésticas, passear, rezar, contar histórias. São experiências aparentemente pequenas, mas é justamente por meio delas que se constroem vínculos e se educa para a vida.

Não esqueçamos que os valores que se formam e crescem no seio da família constituem o “solo fértil que nutre a vida da sociedade” (*A ecologia integral na vida da família*). É no ambiente familiar que se exercitam o dom de si, a paciência, a dedicação, o acolhimento e a proteção da vida.

Essa educação acontece, muitas vezes, sem que percebamos, nas pequenas situações do cotidiano. Arrumar a própria cama pode ensinar responsabilidade. Esperar que todos cheguem para iniciar a refeição pode ensinar comunhão. Dividir alguma coisa com um irmão pode ensinar generosidade. Visitar um avô ou um parente enfermo pode ensinar cuidado e mostrar que a dignidade da pessoa não depende de sua produtividade. Pedir desculpas pode ensinar humildade e reconciliação. Apagar uma luz

desnecessária ou evitar o desperdício pode despertar o cuidado com a casa comum. Ajudar uma pessoa necessitada pode ensinar solidariedade. E rezar juntos pode ajudar a compreender que a vida é dom recebido de Deus.

Talvez, diante de tantos desafios, alguns pais se sintam sobrecarregados e pensem que educar bem os filhos se tornou uma missão quase impossível. É realmente uma tarefa exigente, mas não precisamos imaginar que a educação dependa de iniciativas extraordinárias. Ela acontece, sobretudo, na fidelidade às pequenas coisas de cada dia.

Podemos recomeçar pela mesa, procurando fazer algumas refeições juntos e transformando-as em ocasião de encontro. Podemos estabelecer momentos em que os celulares sejam deixados de lado para que as pessoas possam olhar umas para as outras. Podemos recuperar palavras simples — “por favor”, “obrigado”, “desculpe”, “posso ajudar?” — que expressem valores profundos. Podemos preservar o domingo como tempo de Deus, da família, do descanso e da convivência. Podemos aproximar as crianças dos avós e dos idosos. Podemos ensinar um consumo mais responsável, perguntando se realmente precisamos de tudo aquilo que desejamos comprar. Podemos reservar alguns minutos para rezar juntos e, sobretudo, podemos reaprender a escutar.

Às vezes, dez minutos de atenção verdadeira valem mais do que muitas horas de presença física distraída.

No fundo, a educação familiar possui muito dessa pedagogia das pequenas coisas. Pequenos gestos, repetidos cotidianamente, transformam-se em hábitos; os hábitos consolidam valores; e os valores, pouco a pouco, formam o caráter.

Talvez seja justamente essa uma das grandes forças da família: transformar o cotidiano, com toda a sua simplicidade, numa verdadeira escola de humanidade.

8. Diagnosticar sem rotular

Gostaria de tocar, com muito cuidado, numa questão delicada que tem chamado minha atenção: o número crescente de crianças e adolescentes encaminhados para avaliação e diagnóstico de transtornos do desenvolvimento, da atenção, da aprendizagem ou do comportamento.

Certa vez, ouvi o diretor de uma grande escola dizer que aproximadamente 15% de seus estudantes possuíam algum tipo de laudo. O dado me impressionou. Não o apresento aqui como estatística científica nem pretendo generalizá-lo. Trata-se apenas de um testemunho que me provocou uma pergunta: em alguns casos, não estamos procurando exclusivamente na criança aquilo que também precisa ser examinado nas relações, nas rotinas, nos ambientes e nos modelos educativos?

Precisamos falar desse assunto com muita prudência e responsabilidade.

A ciência avançou enormemente, permitindo conhecer e compreender condições que, no passado, eram ignoradas ou interpretadas de maneira equivocada. Quantas crianças sofreram porque suas dificuldades foram consideradas simplesmente preguiça, desobediência, indisciplina ou falta de inteligência! Hoje sabemos que crianças e adolescentes com autismo, TDAH e

outras condições podem necessitar de avaliação especializada, diagnóstico correto, acolhimento e acompanhamento adequado e, em determinadas situações, de tratamento médico. Um diagnóstico sério, realizado por profissionais qualificados, pode fazer uma enorme diferença na vida de uma criança e de sua família.

Portanto, não devemos alimentar preconceitos, desqualificar a ciência nem minimizar condições que realmente existem. Mas precisamos estar atentos também ao risco contrário: transformar apressadamente toda dificuldade própria da infância ou da adolescência em patologia.

Uma criança muito inquieta necessariamente possui um transtorno? Toda dificuldade de concentração exige medicalização? Todo adolescente que contesta limites apresenta um problema clínico? Toda tristeza precisa receber imediatamente um diagnóstico?

Evidentemente, não cabe a nós responder a essas questões. Elas exigem avaliação criteriosa de profissionais qualificados. Tampouco se trata de aconselhar os pais a ignorar sinais que merecem atenção. O que proponho é ampliar o nosso olhar.

Ao lado da pergunta “qual transtorno esta criança apresenta?”, talvez precisemos fazer outras: Como está sua rotina? Ela dorme adequadamente? Quanto tempo passa diante das telas? Tem espaço para brincar e conviver? Existem limites claros e coerentes em casa? Encontra adultos disponíveis para escutá-la? Como estão suas relações familiares e escolares? De que presença, atenção e afeto necessita?

Essas perguntas não substituem um diagnóstico. Elas impedem que o diagnóstico substitua a criança.

Uma visão integral da pessoa não coloca medicina, psicologia, pedagogia e família umas contra as outras. Ao contrário, procura colocá-las em diálogo, porque uma criança não é apenas um conjunto de sintomas a serem classificados. Ela possui uma história, vive relações, habita determinados ambientes, experimenta afetos, conflitos, limites e possibilidades.

Por isso, talvez o princípio mais importante seja este: **a criança é sempre maior do que seu diagnóstico**. Um laudo pode ajudar a compreender uma condição e indicar caminhos de cuidado; não pode definir toda a identidade de uma pessoa, nem substituir a presença, o afeto, os limites e a responsabilidade educativa da família.

9. Educar a pessoa inteira

A família tem por desafio educar a pessoa inteira. Aqui podemos aproveitar uma intuição muito fecunda da *Laudato si'*: “tudo está interligado”.

O documento *A ecologia integral na vida da família* aplica esse princípio diretamente à vida familiar. A pessoa precisa crescer de maneira integrada na relação consigo mesma, com os outros, com Deus e com a criação. A família aparece como lugar privilegiado dessa formação integral.

Educar, portanto, não é apenas garantir que a criança obtenha boas notas na escola. Uma criança pode dominar línguas, tecnologias e conteúdos acadêmicos e, ainda assim, ter enorme dificuldade para lidar com uma

frustração, respeitar uma pessoa diferente, cuidar de alguém vulnerável ou dar sentido à própria existência.

Precisamos recuperar uma pergunta fundamental: Que pessoa queremos formar? Queremos filhos bem-sucedidos ou filhos moralmente bem formados e de reto caráter? Evidentemente desejamos que sejam competentes, tenham profissão, trabalho digno, estabilidade. Mas isso não basta. Precisamos formar pessoas capazes de amar. Pessoas livres e responsáveis. Pessoas capazes de gratidão. Pessoas que saibam perder e recomeçar. Pessoas que respeitem os outros. Pessoas que não reduzam tudo ao dinheiro. Pessoas capazes de servir. Pessoas abertas a Deus.

A força da família, recorda a *Amoris Laetitia*, está justamente em sua capacidade “de amar e ensinar a amar” (AL 53).

10. Da família para o mundo: escola de fraternidade e cuidado

A família é também a primeira escola da fraternidade e do cuidado. Na convivência cotidiana, aprendemos que não somos o centro do mundo. Há um irmão que também precisa de atenção, uma criança pequena que exige cuidados especiais, um avô que caminha mais devagar, alguém enfermo que necessita de silêncio, uma mãe ou um pai cansado que precisa de ajuda.

São experiências simples, mas profundamente educativas. Elas nos ensinam que pessoas diferentes, com idades, necessidades e ritmos distintos, podem pertencer umas às outras, cuidar umas das outras e construir uma vida em comum. Numa cultura marcada pelo individualismo, a família nos ensina, desde cedo, a conjugar um pronome fundamental: “**nós**”.

Mas esse “nós” familiar não pode transformar-se num círculo fechado. Uma família pode ser muito unida internamente e, ainda assim, formar pessoas indiferentes aos outros, se toda a sua preocupação terminar nos próprios interesses. O amor verdadeiramente familiar possui uma dinâmica expansiva: começa em casa, mas não termina nela.

A *Fratelli Tutti* nos ajuda a compreender essa abertura. O amor vivido autenticamente alarga o coração e nos torna capazes de reconhecer como irmão também aquele que não pertence ao nosso círculo mais próximo. Por isso, a fraternidade aprendida dentro de casa é chamada a transformar-se em solidariedade, hospitalidade, compromisso com os mais vulneráveis e responsabilidade pelo bem comum.

A *Amoris Laetitia* utiliza, nesse sentido, uma expressão belíssima: Deus confiou à família a tarefa de “**tornar doméstico o mundo**” (AL 183). Tornar o mundo doméstico significa fazer com que aquilo que existe de melhor no lar — proximidade, cuidado, acolhimento, responsabilidade, atenção ao mais frágil — ultrapasse as paredes da casa e alcance as relações sociais.

Precisamos, nesse sentido, de uma sociedade mais familiar: uma economia que coloque a pessoa antes do lucro; uma política comprometida com o bem comum; uma escola em que cada aluno seja reconhecido como pessoa e não apenas como número; uma Igreja na qual ninguém se sinta anônimo; cidades onde crianças, idosos, pobres e pessoas com deficiência encontrem acolhimento, proteção e condições para uma vida digna.

O documento *A ecologia integral na vida da família* aprofunda essa perspectiva ao apresentar a família como protagonista de uma ecologia integral. Aquilo que se aprende e se vive em casa pode irradiar-se para a sociedade através da solidariedade com os pobres, do cuidado com os vulneráveis, da responsabilidade pela criação, do serviço aos outros e do compromisso com o bem comum.

Compreendemos, então, que aquilo que acontece dentro de nossas casas nunca permanece inteiramente dentro delas. A qualidade das relações familiares acaba repercutindo na qualidade das relações sociais.

Quem não aprende a reconhecer limites terá maior dificuldade para respeitar normas necessárias à convivência. Quem não aprende a partilhar terá mais dificuldade para compreender as exigências da justiça. Quem não aprende a escutar dificilmente estará preparado para o diálogo. E quem não aprende a cuidar do frágil corre o risco de reproduzir, fora de casa, a cultura do descarte.

O contrário também é verdadeiro. Famílias que cultivam relações marcadas pela honestidade, pela solidariedade, pelo respeito, pelo cuidado e pela responsabilidade estão formando pessoas mais preparadas para construir uma sociedade fraterna.

Talvez essas famílias nunca apareçam nas manchetes nem recebam reconhecimento público. Entretanto, no silêncio da vida cotidiana, realizam uma das mais profundas formas de transformação social: formam pessoas capazes de sair de si mesmas, reconhecer o outro como irmão e assumir responsabilidade pelo mundo que compartilhamos.

É assim que a família cumpre sua missão para além de suas próprias paredes: aprende-se a fraternidade em casa para que seja possível vivê-la no mundo.

11. Uma missão que precisa de ajuda

Ao falar da responsabilidade educativa da família, precisamos reconhecer algo com muita honestidade: muitos pais e mães estão cansados e, não raramente, sentem-se sozinhos diante de uma missão cada vez mais exigente.

Por isso, uma reflexão sobre a família não pode transformar-se numa sessão de acusações contra os pais. É fácil dizer que precisam estar mais presentes, dialogar mais, acompanhar os filhos, estabelecer limites e supervisionar o mundo digital. Tudo isso é necessário. Mas precisamos também considerar as condições concretas em que muitas famílias vivem.

Há pais e mães que trabalham o dia inteiro, passam horas no trânsito e chegam em casa preocupados com as contas, o emprego, a saúde e a segurança. Há mães submetidas a jornadas extenuantes. Há pais cuja ausência não nasce da falta de amor, mas de um trabalho que lhes consome quase todo o tempo. Há famílias monoparentais enfrentando enormes desafios e avós que voltaram a assumir responsabilidades educativas porque os pais precisam trabalhar.

A própria *Amoris Laetitia* chama a atenção para as longas jornadas de trabalho, muitas vezes agravadas pelo tempo gasto nos deslocamentos, que dificultam o encontro cotidiano entre os esposos e destes com os filhos (AL 44).

A família é a primeira escola dos valores humanos

Portanto, não basta dizer: “Os pais precisam educar melhor”. Precisamos fazer uma pergunta mais ampla: como a Igreja, a escola, o Estado e a sociedade podem criar condições para que as famílias cumpram melhor sua missão educativa?

Aqui ganha importância a ideia de uma verdadeira **aliança educativa**. A família possui uma responsabilidade insubstituível, mas isso não significa que deva permanecer sozinha. Escola, comunidade eclesial, profissionais, instituições públicas e sociedade precisam reconhecer suas responsabilidades específicas e colaborar, sem ocupar o lugar da família nem transferir para ela todos os problemas.

Essa perspectiva interpela diretamente a Pastoral Familiar. Talvez uma de suas tarefas mais importantes nos próximos anos seja precisamente ajudar as famílias em sua missão de educar.

Isso significa criar espaços de formação e escuta para pais e mães; ajudá-los a compreender melhor as diferentes etapas da infância e da adolescência; oferecer orientação para o uso responsável das tecnologias; favorecer o diálogo entre famílias, educadores e profissionais qualificados; fortalecer redes de apoio; valorizar a presença dos avós e o encontro entre as gerações; e, sobretudo, acompanhar os casais desde os primeiros anos do matrimônio, sem esperar que os problemas se agravem para somente então nos aproximarmos.

O próprio texto-base deste Congresso propõe a passagem de uma pastoral de manutenção para uma pastoral de acompanhamento, marcada pela escuta, pelo discernimento e pela formação de vínculos. E formula duas perguntas muito concretas: “Quem acompanha? Como formar agentes para acompanhar?”

Talvez essas perguntas devam permanecer conosco depois deste Congresso.

Quem acompanha o jovem casal que chega em casa com seu primeiro filho e descobre que a paternidade e a maternidade são muito mais exigentes do que imaginava?

Quem ajuda os pais quando os filhos entram na adolescência e a forma de relacionamento precisa mudar?

Quem os orienta diante dos desafios do mundo digital?

Quem escuta uma mãe sobrecarregada ou um pai que percebe estar perdendo o diálogo com o filho?

Quem acolhe uma família diante de um diagnóstico que modifica suas expectativas e exige uma reorganização da vida?

Quem ajuda os pais a perceber quando estão diante de dificuldades próprias do amadurecimento e quando é necessário procurar ajuda especializada?

Essas perguntas mostram que acompanhar não significa ter resposta para tudo.

A Pastoral Familiar não substitui o psicólogo, o médico, o pedagogo, o assistente social ou outros profissionais. Seria um erro ultrapassar os limites de sua competência. Uma pastoral madura sabe reconhecer quando é necessário

recorrer a conhecimentos especializados e, por isso mesmo, procura estabelecer pontes com pessoas e instituições qualificadas.

Mas existe algo que nenhuma especialização, por mais necessária que seja, consegue substituir: uma comunidade que acolhe, escuta, sustenta vínculos e não deixa a família caminhar sozinha.

Talvez seja essa uma das formas mais concretas de compreender a missão da Pastoral Familiar hoje: não fazer pelas famílias aquilo que lhes compete, mas caminhar ao lado delas, fortalecendo-as para que possam viver com maior serenidade e responsabilidade sua própria vocação e missão.

12. A família como Igreja doméstica

Chegamos, assim, a uma dimensão essencial da família cristã: ela é chamada a ser Igreja doméstica. Essa expressão, presente na tradição da Igreja e retomada pela *Familiaris Consortio* e pela *Amoris Laetitia*, não significa transformar a casa numa pequena sacristia, mas reconhecer que Deus se faz presente também na simplicidade da vida familiar.

Ele está presente quando a família reza, mas também quando alguém prepara a refeição, quando os pais cuidam de um filho durante a noite, quando os esposos se reconciliam, quando todos se mobilizam para acompanhar um idoso ou quando alguém renuncia a uma comodidade para cuidar do outro.

A *Gaudete et Exsultate* recorda que a santidade se constrói nos pequenos detalhes cotidianos. Isso nos ajuda a compreender que santidade familiar não significa ausência de conflitos. Não existem famílias sem dificuldades, divergências e erros. A família cristã é aquela que procura não permitir que os conflitos tenham a última palavra e aprende, com a graça de Deus, a recomeçar.

Talvez uma das mais belas lições que uma criança possa receber seja ouvir seu pai ou sua mãe dizer: “Eu errei. Perdoe-me.” Ela aprende, assim, que autoridade não significa infalibilidade, que amar não significa nunca errar e que uma relação pode ser restaurada pela verdade, pela humildade e pelo perdão.

13. Famílias reais, acompanhadas pela Igreja

Por isso, quando a Igreja anuncia a beleza da família, não apresenta um modelo de família perfeita. Não existem famílias perfeitas; existem famílias reais, com alegrias e feridas, acertos e erros, comunhão e conflitos.

Há famílias que enfrentam doenças, desemprego e pobreza; avós que assumem a educação dos netos; mães ou pais que criam praticamente sozinhos seus filhos; famílias marcadas por separações, dependências e perdas. O anúncio cristão não pode tornar-se um peso adicional sobre quem já sofre.

Fortalecer a família, portanto, não significa idealizá-la, muito menos procurar culpados pelas dificuldades atuais. Significa ajudá-la concretamente a crescer. Em vez de perguntar apenas “quem é o culpado?”, precisamos perguntar: “O que podemos fazer, a partir de agora, para ajudar nossas famílias?”

É essa atitude que deve caracterizar também a Pastoral Familiar: aproximar-se, escutar, discernir, acompanhar e ajudar cada família a dar o passo possível em direção àquilo que Deus a chama a ser.

Considerações finais

Queridos irmãos e irmãs, ao final desta reflexão (“A família é a primeira escola dos valores humanos”), talvez possamos resumir tudo o que refletimos dizendo que a família é a primeira escola dos valores humanos porque é, ou deveria ser, a primeira escola do amor.

É nela que aprendemos que não estamos sozinhos; que liberdade e responsabilidade caminham juntas; que existem limites; que as pessoas são mais importantes do que as coisas; que o frágil precisa ser cuidado; que os idosos continuam tendo dignidade; que os erros podem ser perdoados; que nem tudo pode ser comprado e que a felicidade não consiste simplesmente em possuir. E, numa família cristã, aprendemos algo ainda mais profundo: somos amados por Deus e chamados a amar como Ele nos ama.

Por isso, gostaria de deixar uma pergunta para reflexão: que valores nossas crianças e nossos jovens estão aprendendo dentro de nossas casas?

Não apenas os valores que afirmamos defender, mas aqueles que efetivamente testemunhamos. Os filhos observam como nos tratamos, como enfrentamos os conflitos, como usamos o dinheiro e a tecnologia, como cuidamos dos frágeis, como falamos das outras pessoas e como vivemos nossa fé. Silenciosamente, vão aprendendo conosco o que significa ser pessoa.

A família é a primeira escola dos valores humanos porque, antes de transmitir conceitos, transmite um modo de viver.

Por isso, cuidar da família é cuidar da pessoa humana e do futuro da sociedade. E aqui está uma grande responsabilidade da Pastoral Familiar. Que este Congresso não termine aqui, mas que nos ajude a retornar às nossas dioceses, paróquias e comunidades decididos a aproximar-nos das famílias reais, escutá-las, acompanhá-las e fortalecê-las em sua vocação ao amor e em sua missão educativa. É justamente esse o horizonte indicado pelo texto-base do Congresso: passar da leitura dos documentos ao documento vivido e fazer das próprias famílias protagonistas da ação pastoral.

A *Amoris Laetitia* nos recorda que “o bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja” (AL 31). Não esqueçamos: nas pequenas coisas que realizamos em casa com nossos filhos que se formam pessoas, se transmitem valores e se constrói o futuro.

Que a Sagrada Família de Nazaré nos ajude a fazer de nossas casas verdadeiras escolas de humanidade, de fé e de amor. E que nossas famílias, com suas possibilidades e limitações, suas alegrias e suas feridas, sejam cada vez mais lugares onde se aprenda aquela grande arte que resume todos os valores humanos e cristãos: a arte de amar e de ensinar a amar.

Natal, 21 de agosto de 2026.
Dom João Santos Cardoso

FONTES E REFERÊNCIAS

Documentos do Magistério da Igreja

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual.* Vaticano, 7 dez. 1965.

JOÃO PAULO II, São. *Exortação Apostólica Familiaris Consortio sobre a função da família cristã no mundo de hoje.* Vaticano, 22 nov. 1981. Especialmente nn. 36 e 86.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum.* Vaticano, 24 maio 2015.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia sobre o amor na família.* Vaticano, 19 mar. 2016. Especialmente nn. 31, 44, 53, 183 e 274-275.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate sobre o chamado à santidade no mundo atual.* Vaticano, 19 mar. 2018.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e a amizade social.* Vaticano, 3 out. 2020.

LEÃO XIV, Papa. *Magnifica Humanitas.* Especialmente n. 165 e as passagens referentes à família como bem social primário, à proteção dos menores no ambiente digital e à educação para a sobriedade digital.

Documentos dos Dicastérios da Santa Sé

DICASTÉRIO PARA O SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL; DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA. *A ecologia integral na vida da família.* Documento sobre a família como espaço de educação para a ecologia integral, a solidariedade, a reciprocidade entre as gerações, o cuidado e o bem comum.

Documentos do Congresso

CNBB – REGIONAL NORDESTE 2 / PASTORAL FAMILIAR. *Texto-base do IV Congresso Regional Nordeste 2 da Pastoral Familiar.* Tema: “Família cristã: vocação ao amor e missão no mundo de hoje”. Natal, 21-23 ago. 2026